



A MORATÓRIA E SEUS TEMPOS

Rosa Maria Godoy Silveira *

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

rosacio@terra.com.br

RESUMO: Trata-se da abordagem da peça *A Moratória* (Jorge Andrade, 1955), enfocando como o autor trabalhou os referenciais de tempo e espaço bem como as formas de articulação que propõe entre presente e passado e entre universo urbano-universo rural. Esta peça teatral tem como trama a crise de empobrecimento e perda de condição social de uma família de proprietários de café, no interior do estado de São Paulo, Brasil, em decorrência dos efeitos, sobre a economia brasileira, da crise financeira da quebra da Bolsa da Nova York, em 1929. Nesse sentido, foi traçado um breve contexto histórico de natureza econômica e política que auxilia a compreensão do texto.

ABSTRACT: This article analyses *A Moratória* (play by Jorge Andrade, 1955), focusing how this author worked out with *Time* and *Space* concepts in that play, as well as how he relates present and past, urban and rural universes. The play's plot is the impoverishment crisis and the decadence of an old landowner family, at the hinterland of São Paulo, Brazil, due to the Wall Street Crash's (1929) effects on Brazilian coffee economy. Thus, a short historical context was written, in an economic and political perspective, aiding the understanding of the play.

PALAVRAS-CHAVE: *A Moratória* – Jorge Andrade – Teatro brasileiro moderno – História brasileira

KEYWORDS: *A Moratória* – Jorge Andrade – Brazilian modern theatre – Brazilian History

O texto teatral *A Moratória*, de Jorge Andrade, dividido em três atos, aborda a ruína de uma família proprietária de cafezais no interior do estado de São Paulo, em decorrência da crise financeira e da produção cafeeira, por volta dos anos de trânsito da década de 1920 para a 1930. Escrita em 1954, encenada pela primeira vez no ano seguinte, a peça emerge como um dos “fantasmas” da infância do autor, como ele mesmo diz:

É uma memória familiar, quer dizer, atual e anterior ao autor. Aquilo que ele vê falar desde menino. Evidentemente que têm pessoas que são desligadas um pouco ou que se ligam bem mais tarde. Eu acho que eu liguei bem cedo a tudo que me rodeava. [...] tudo realmente começou, do que eu me lembro, aos 7 anos. E geralmente aos 7 anos

* Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em História do Brasil. Docente aposentada da Universidade Federal da Paraíba – Brasil, onde trabalhou de 1976 a 2003. Membro do corpo docente dos Cursos de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Pernambuco.

as crianças são desligadas, estão muito perdidas no seu mundo infantil, e eu perdi esse mundo infantil, e decerto eu tinha – ou tenho – uma sensibilidade diferente. Eu dizia a eles que eu me lembrava o motivo, a cena que determinou tudo. Eu estava brincando na fazenda do meu avô, debaixo de mangueiras – tinha dezenas de mangueiras no fundo da casa – estava brincando com um toquinho de madeira (eu brincava de automóvel. Naquele tempo não tinha os brinquedos de que tem hoje. A gente usava manga pra boi, vaca, e toquinhos pra automóvel, carros. Eu estava brincando). E de repente eu ouvi um grito horrível que me pareceu assim uma coisa estranha. Eu corri, apavorado, fiquei com medo, porque estava sozinho. Corri e no fundo da casa tinha uma escada que dava para uma copa e da copa abria num grande salão da sede da fazenda. Quando eu entrei no salão eu deparei com o meu avô encostado numa parede, uma espingarda caída no chão, minha avó de joelhos abraçada a suas pernas e minha mãe tentando segurá-lo. E ele dizia: “Eu vou matá-lo!” E elas seguravam nele. Então eu descobri imediatamente que ele ia matar uma pessoa que estava na sala de entrada. Essa pessoa, mais tarde eu descobri que chamava-se Arlindo, e era o homem que fez ele perder a fazenda e que mais tarde, aquela cena que eu hoje chamo de “Pietá Fazendeira”, um conjunto estatutário do meu amor e da minha emoção ficou fixa no espaço e no tempo daquela sala...¹

A cena não ficaria fixa apenas naquela sala, mas nas salas, corredores, subterrâneos da memória daquele menino – Jorge Andrade, incubada, durante anos e anos, por entre as suas percepções:

E a partir daí então eu aprendi a *observar*. Naquele momento em que meu avô estava encostado na parede, e que chorava, eu descobri que os grandes desesperavam, que aquela pessoa que era uma espécie de deus e ídolo pra mim chorava, e que os grandes não eram exatamente os deuses que eu imaginava que fossem.²

O paulista de Barretos Jorge Andrade, neto e filho de grandes proprietários rurais alcançados pelos efeitos da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, começava a tecer os fios da sua dramaturgia, que se condensa em *Marta, a árvore e o relógio*, síntese existencial que ele mesmo explica:

Eu escrevi uma peça que se chama “Marta, a Árvore, o Relógio”, que em vez de ter três atos tem dez peças. Pra içar claro mesmo o que foi que eu fiz era necessário que encenassem as dez peças em dez noites consecutivas. No final da décima noite é que o pessoal ia ter a visão daquilo que eu fiz. [...] e o ciclo conta uma história em dez peças que tem um começo, um meio e um fim. Então eu comecei por uma memória bem imediata e fui alargando na media em que via esta

¹ ANDRADE, Jorge: entrevista [22 de out. 1976]. Entrevistadores Mariângela Alves de Lima, Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: CCSP/Arquivo Multimeios/Divisão de Pesquisas. 1976. 2 fitas K7. Entrevista concedida ao Centro de Documentação e Informação sobre a Arte Brasileira Contemporânea – SP. Datilografado, transcrito e mimeografado. 22p.

² Ibid. Grifo nosso em itálico.

família, que era a minha, se inserindo num contexto maior. [...] Então, é na procura, é na compreensão dessas raízes, as dez peças contam bem essa inserção de homem-mulher, e dos círculos cada vez mais largos, porque ele conta os quatro ciclos importantes da sociedade paulista, da família paulista, que é o primeiro ciclo do apresamento ao índio, o segundo ciclo da mineração do ouro, o ciclo do café e o ciclo industrial.³

A *Moratória* é memória desse terceiro ciclo, o ciclo do café. A mutação, o passado, o trânsito, a roda da vida, o relógio, o ciclo, o jogo entre fortuna e ruína. “O tempo é minha matéria”, é quase vermos Jorge Andrade pronunciando a frase, extasiado, como um duplo do poeta Carlos Drummond de Andrade.

O tempo: o velho e o novo

Como se pode perceber o tempo em *A Moratória*? Como o autor temporaliza a sua trama? Que tempo é esse que ficcionaliza, que dramatiza? Muitas marcas, ao longo do texto, apontam o confronto de tempos. Assim, no 1º Ato, Lucília, a filha do dono das terras de café, costura *com pressa* porque “meu serviço está atrasado”, enquanto o pai – Joaquim – responde: “Cada coisa em sua hora”, logo replicado pela filha: “Para quem tem muito tempo”. Ritmos de tempo diferenciados, entre a pressa e um tempo mais lento, encarnado em duas gerações diferentes.

O pai reafirma o seu tempo, quer prolongá-lo: “Pensa que sou igual a esses mocinhos de hoje?” “O médico disse que ainda tenho cem anos de vida”. Distingue-o do tempo presente, por uma qualidade em detrimento deste: “Quando meus antepassados vieram de Pedreira das Almas para aqui, ainda não existia nada. Nem gente desta espécie”. Mas as mudanças estão acontecendo. E para pior, como neste trecho representacional, em que os personagens se posicionam de forma diferente:

HELENA (mulher de Joaquim): Não suporto mais essa incerteza (1º Ato, p. 127)⁴,

expressando a dificuldade de entender o que se passa;

ELVIRA (a irmã de Joaquim): Você não pode imaginar a situação em que estamos; [dirigindo-se a Helena (sua cunhada)]: A

³ ANDRADE, Jorge: entrevista [22 de out. 1976]. Entrevistadores Mariângela Alves de Lima, Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: CCSP/Arquivo Multimeios/Divisão de Pesquisas. 1976. 2 fitas K7. Entrevista concedida ao Centro de Documentação e Informação sobre a Arte Brasileira Contemporânea – SP. Datilografado, transcrito e mimeografado. 22p.

⁴ As referências às páginas, nas citações d’*A Moratória*, foram retiradas do livro: ANDRADE, Jorge. **Marta, a árvore e o relógio**. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 118-187.

situação não é boa [...] São muito graves os acontecimentos.
Vamos atravessar uma grande crise (1º Ato, p. 144).

anunciando/enunciando o torvelinho que virá;

LUCÍLIA: Acontece que precisamos encarar a situação de frente, não há outra saída. [...] Aos poucos a situação melhora (1º Ato, p. 140).

expressa o enfrentamento da crise e a esperança que as coisas mudem;

JOAQUIM: Ainda somos o que fomos (1º Ato, p. 141).

manifesta a permanência, ou a vontade de, não acreditando que as coisas mudem.

As marcas textuais sinalizam, sob a forma de diálogos, um tempo de crise. Na parte final do 1º Ato, no diálogo entre as quatro personagens acima referidas, se explicita a historicidade da crise: a queda dos preços do café, a não continuidade da política de defesa do produto pelo Governo “do Ditador”, o endividamento dos cafeicultores junto ao “Banco” (assim mesmo, grafado com Maiúscula, significativamente).

O texto no contexto

O autor remete ao que chama de ciclo do café e configura os seus impactos sobre uma família de proprietários, dando carne, osso e sangue a um quadro histórico que atingiu muitos Joaquins, Helenas, Elviras, Lucílias e outras pessoas em igual situação: a crise de 1929 e a crise cafeeira, em meio à qual se processa o fim do Estado Oligárquico no país e, em consequência, o da hegemonia política dos cafeicultores paulistas. Com efeito, desde a terceira década do século XIX, o café iniciara sua marcha ascendente para converter-se em principal produto da pauta de exportações da balança comercial brasileira. Primeiramente, no Rio de Janeiro, depois adentrando o Vale do Paraíba paulista até atingir o Oeste da província de São Paulo por volta da metade daquele século. No entanto, já na primeira década republicana, mais propriamente em 1896, se manifesta a primeira grande crise da lavoura cafeeira, de superprodução, rebaixando os preços do produto no mercado internacional. Nesta época, o grupo cafeeiro paulista assumira a hegemonia do poder na direção do Estado republicano, afastando o seu aliado de primeira hora – os militares – na derrubada do regime monárquico. Em consórcio com os proprietários de café e de gado de Minas Gerais, urdiram, sob a direção do presidente Campos Sales, um sistema político denominado de

‘Política dos Governadores’, que assegurou a formação de maiorias estáveis no Congresso, mediante barganha com os governadores estaduais (os presidentes de estado). Por este acordo, a União não interferia na política dos estados: deixava livre o mando do setor dominante das oligarquias locais, cujas deputações federais, em troca, se comprometiam a assegurar maioria ao Governo Federal.

Essa estabilização da vida política iria garantir que, logo na virada de século, começasse a ser formulada uma política de valorização do café, visando a contornar as suas crises. O Convênio de Taubaté, um pacto entre os governadores dos estados cafeeiros de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, ratificado em 1906 pelo presidente Afonso Pena, constituiu a primeira intervenção do Estado no mercado cafeeiro, alterando o livre-cambismo então vigente: os governos estaduais compravam a safra prevista do café a um preço fixado com antecedência, para evitar a superprodução; o café adquirido ficava estocado em armazéns e seria posto no mercado de acordo com a demanda. Para a aquisição desses estoques, os governos, dispoindo de autonomia assegurada pelo regime federalista, contraíam empréstimos junto a bancos estrangeiros. Para pagar tais empréstimos, eram aumentados os impostos, provocando aquilo que a historiografia chama de “socialização dos prejuízos”, uma linguagem eufemística dos cafeicultores, escamoteando o ônus de uma política que os beneficiava, sobre o conjunto da população.

Ao longo das três primeiras décadas do século XX, portanto, a agricultura cafeeira enfrentou várias outras crises, algumas de superprodução, outras, por causas climáticas (geadas). No entanto, no tempo em que se desenvolve a trama de Jorge Andrade, o contexto histórico mudara. Primeiro, fora a crise de 1929, depois o movimento de 1930.

Com a crise econômica da Bolsa de Valores de Nova York, os capitais norteamericanos no exterior foram repatriados e, em consequência, as importações dos países estrangeiros bem como as próprias importações estadunidenses diminuíram, atingindo não só países europeus, mas também países não industrializados, exportadores de matérias-primas e produtos alimentícios. O Brasil foi fortemente afetado. O café representava 70% das exportações brasileiras e os Estados Unidos era o principal comprador. Diminuindo as importações do produto, a política de valorização do café ruía, pois os bancos estrangeiros, também alcançados pela crise, não podiam mais financiar os estoques do produto. Assim sendo, caíram vertiginosamente os preços.

“O café caiu à zero, [...] Vamos todos à ruína”, diz Elvira quase ao final do 1º Ato. E prossegue, apontando a falta de saída: “Os lavradores foram abandonados pelo Governo. [...] O Governo não pôde sustentar a política de defesa do café e...” O Governo a que se refere Elvira, já é o de Getúlio Vargas, que assumira a Presidência após a deposição de Washington Luís, liderando a Aliança Liberal, um movimento de grupos oligárquicos descontentes, setores comerciais e industriais, camadas médias urbanas, afetados todos, em maior ou menor grau, pelos efeitos da crise de 1929. No programa aliancista, propunha-se o fim dos privilégios do setor cafeeiro. Sendo o café o maior gerador de divisas para o país, Vargas ainda tentou financiar estoques mediante empréstimos no exterior, trocou parte do café excedente por trigo norte-americano, mas acabou queimando grande quantidade de café para garantir seus preços no mercado mundial. Joaquim, personagem de Jorge Andrade, não escuta a realidade. Não se dá conta da situação. Acredita na *moratória*: “Moratória. Moratória, minha filha! [...] Prazo!”

O espaço: rural e urbano, tradição e mudança

A peça ocorre em dois planos: uma sala espaçosa “de uma antiga e tradicional fazenda de café”, por volta de 1929; o outro, um ambiente modesto, numa pequena cidade – Jaborandi⁵ – perto da fazenda, cerca de três anos depois. A representação cenográfica do trânsito do tempo. Do tempo da vida na fazenda para a vida na cidade. Do tempo de um certo fausto para o tempo de um certo empobrecimento. Do tempo que parecia sólido ao tempo em que “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Mas, também, representação de um espaço que encolhe, materializando a perda do espaço ancho da fazenda, para ampliar-se para muito mais do que isso, a perda de posição social da família de Joaquim.

O espaço está associado a um passado heróico, aos antepassados, às famílias fundadoras. Joaquim rememora:

[...] Era um lugar virgem! Era um sertão virgem! A única maneira de se ganhar dinheiro era fazer queijos. Imagine, Lucília, enchiam de queijos um carro de bois e iam vender na cidade mais próxima, a quase duzentos quilômetros! Na volta traziam sal, ferramentas, tudo que era preciso na fazenda. Foram eles que, mais tarde, cederam as terras para fundar esta cidade. (1º Ato, p. 124).

⁵ Jaborandi – cidade a 420 km. de São Paulo, próxima a Barretos, terra de Jorge Andrade. Hoje, a cidade tem cerca de 6400 habitantes.

Mas é a fazenda que alimenta os sonhos do cafeicultor: “Nós vamos voltar para lá...” (1º Ato, p. 130). E, às vezes, de sua filha Lucília: “Replantaremos o nosso jardim!” (1º Ato, p. 146). Morando na cidade, o ex-fazendeiro compra sementes de dalias (aliás, falido, troca um prendedor de gravata pelas sementes), cultiva um pé de jabuticabeira, a *árvore* tão presente na obra de Jorge Andrade, em um forte simbolismo das raízes. Telúricas.

A cidade é o lugar em que fica o banco para o qual Joaquim deve. É o lugar, também, onde trabalha Marcelo, seu filho, no frigorífico dos ingleses. “Matamos mil e quinhentos bois por dia, dona Helena!” (1º Ato, p. 133), se exhibe o filho para a mãe, Helena.⁶ Mas a mãe estranha esta atividade: “[...] já imaginou a convivência que ele [Marcelo] tem lá no frigorífico? (1º Ato, p. 133). O filho, no entanto, ama a cidade, que “nunca esteve tão divertida!”

Ante a crise, aflora o temor da perda do lugar pelo que ele significa. “Meu marido, meus filhos nasceram aqui...”, se desespera Helena (1º Ato, p. 146). E aduz: “Sem a fazenda ele [o marido] não será ninguém. Vai se sentir inútil”. (2º Ato, p. 151).

Helena tenta achar uma solução, explicando à filha o que a terra representa:

Se seu tio arrematar a fazenda, o Quim poderá continuar, trabalhar, morrer em suas terras. Há homens que não sabem, não podem viver fora de seu meio. Seu pai sempre morou na fazenda. Para nós, o mundo se resume nisto. Toda a nossa vida está aqui. (2º Ato, p. 151).

Mas Joaquim não aceita esta posição humilhante. A propriedade da terra, ser o dono dela fala tão mais forte que não entende como o seu endividamento poderia levá-lo à perda:

Meus direitos sobre essas terras não dependem de dívidas. Nasci e fui criado aqui. Aqui nasceram meus filhos. Aqui viveram meus pais. Isto é muito mais do que uma simples propriedade. É meu sangue! Não podem me fazer isto! (2º Ato, p. 166).

Várias leituras podem ser feitas deste trecho. Da manutenção de um *status*, a uma percepção de quem se considera com direito adquirido intocável e imutável até a incapacidade do ex-cafeicultor de compreender como a posição da sua classe havia sofrido um forte deslocamento, perdendo a posição na pirâmide social para outros segmentos que estão emergindo no mundo urbano. Como não compreende, Joaquim

⁶ A região de Barretos se torna famosa pelos rodeios, simbolizando a atividade pecuarista que sucedeu ao café.

desdenha, desqualifica: “[...] Uma gatinha, que não sei de onde veio, tomou conta de tudo! [...] Vivíamos muito bem sem elas. Gatinha!” (2º Ato, p. 177).

A trama das temporalidades

Presentes diversos tempos e diversos espaços na narrativa, a sua inter-relação é construída de forma original, não linear, com a predominância de uma temporalidade ou de outra em cada cena, ora o presente ora o passado, porém, com o “atravessamento” de um pelo outro. Em quase todas elas, há um contraponto com a outra temporalidade, não predominante. Em quase todas as cenas, há um fio que junte os dois tempos e os entrelaça.

O movimento entre os tempos, quando parte do presente como predominante, recua para um passado bem próximo e vai deslizando para um passado cada vez mais distante [do mais presente ao mais passado]. Quando o passado é o predominante, o tempo caminha cada vez mais para o futuro [do mais passado ao mais presente]. Assim, o binômio presente-passado foi estruturado de forma vertical e horizontal. A vertical consiste na leitura de um só tempo (presente ou passado) de cena para cena, apontando esse recuo ou esse avanço, conforme se enfoque o presente ou o passado. A horizontal consiste na leitura entre presente-passado e vice-versa no âmbito da mesma cena, apontando como o intervalo entre os tempos vai se estreitando. Vejamos, a seguir, uma dessas possibilidades de leitura.

1º ATO

Cena	Plano	Tempo/Espaço	Enredo
1ª	1º	Presente/casa na cidade Passado/casa da fazenda Conexões de tempo/espço	Joaquim conversa com Lucília sobre sua saúde. Comenta sobre o trabalho dela, de que ele não gosta. Manifesta a esperança de anular o processo. Aguarda o café enviado por Elvira, sua irmã. Helena reza diante dos quadros, Joaquim aparece na porta. A cena de Joaquim olhando os quadros na casa da cidade e Helena rezando diante dos mesmos quadros na casa da fazenda.
2ª	2º	Passado/casa da fazenda	Diálogo entre Joaquim e Helena. Comenta-se da falta de chuvas e dos baixos preços do café. Helena sugere que ele peça um empréstimo a Elvira. Joaquim refuta. Fala do cunhado, marido de Elvira, de que ele não se moveria para ajudá-los porque ele e a mulher nunca perdoaram a eles (Joaquim e Helena) por terem ficado

		<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Conexões de tempo/espço</p>	<p>na fazenda. Joaquim diz que tem dinheiro a receber com Arlindo. Helena diz que Arlindo não decide. Joaquim diz que dará um jeito no Banco, que Helena diz que não gosta do Banco. Joaquim diz que a sua fazenda é uma garantia. Helena insiste em falar com Elvira. Joaquim diz que sabe defender seus negócios. Helena se inquieta com a incerteza e volta a falar em Arlindo, para quem Joaquim entregou o café. Joaquim retruca, dizendo que a palavra empenhada bastava. Helena fala que vender café a prazo era perigoso. Joaquim fala que não há perigo, tem os direitos dele e quando receber, paga as dívidas. Helena apela a Deus para que isto aconteça. Joaquim manda Marcelo se levantar.</p> <p>Barulho da máquina de costura. Helena aparece com um véu e um missal.</p> <p>Helena e sua religiosidade.</p>
3 ^a	1 ^o	<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Conexões de tempo/espço</p>	<p>Helena pergunta se Marcelo não se levantou e bate na porta do quarto. Lucília comenta se Marcelo irá parar neste emprego. Lucília pergunta se o café não veio e Helena diz que Elvira prometeu mandar. Lucília diz que manda comprar. Joaquim diz que eles podem precisar do dinheiro para outra coisa. Lucília retruca, dizendo que trabalha para comprar o necessário. Critica a tia, diz que não aceitaria nada vindo dela e do tio. Joaquim reclama que o café comprado é ruim.</p> <p>Helena bate no quarto de Marcelo. Diz ao filho para avisar a tia que quer falar com ela.</p> <p>Helena acordando Marcelo. A conversa sobre Elvira e o recado a ela.</p>
4 ^a	2 ^o	<p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Presente/casa na cidade</p> <p>Conexões de tempo/espço</p>	<p>Helena manda o filho levantar e dialoga com ele. Marcelo reclama que não pode dormir sossegado. Helena insiste que quer falar com Elvira e manda Marcelo chamá-la. Este fala para Helena mandar Benedito arrear o cavalo. Helena manda Marcelo mesmo fazer isto. Marcelo retruca, perguntando para que têm empregados. Helena diz ao filho para não ser preguiçoso e repete o recado para Elvira.</p> <p>Lucília aparece. Joaquim pergunta se Olímpio não disse nada na carta. A filha diz que não. Joaquim indaga se Olímpio avisou quando voltava. Lucília volta a responder negativamente, Joaquim reclama que Olímpio trata dos negócios dele e não diz nada.</p> <p>O paralelismo dos diálogos, cada qual se remetendo a uma pessoa com a qual se quer falar, Olímpio, de um lado, Elvira, de outro.</p>

5 ^a	1 ^o	<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Conexões de tempo/espço</p>	<p>Joaquim reclama do advogado por não avisá-lo do processo na semana em que esta vai se resolver. Lucília insinua que Olímpio tem outras coisas a dizer para ela. O pai indaga se ela não resolveu marcar o casamento. Ela diz que não e não quer conversar a respeito. Joaquim diz que é preciso. Lucília diz que o assunto compete a ela. O pai diz que também a ele, pois tratava-se da felicidade da filha. Lucília reitera que não quer casar mais. O pai insiste e diz que a culpa é dele, que não é imprestável e sabe se defender. Helena diz para a filha viver a vida dela. O pai manda que ela não se sacrifique e ela retorque que não é sacrifício. Prossegue dizendo que o irmão já está empregado. O pai continua insistindo no assunto do casamento e Lucília continua acusa o pai de que ele não pensava assim três anos antes. O pai acusa Lucília de não perdoá-lo e Lucília diz que tem obrigações a cumprir e é responsável pela carga. O pai se ofende, depois concorda. A filha diz que não pode viver longe deles nem pedir a Olímpio que assuma as responsabilidades. Joaquim fala que eles vão voltar para lá. O pai repete que Marcelo está trabalhando.</p> <p>Marcelo aparece de pijama. Lucília reclama. Joaquim o chama de preguiçoso, manda-o trabalhar. Acusa-o de só beber, dormir e andar em más companhias. Critica o emprego de Marcelo em um frigorífico e por ele não ter estudado. Helena defende o filho. Lucília dá dinheiro para o pai comprar jornais. Joaquim critica o Governo e diz que espera há três anos. Helena dialoga com o filho, pede para ele não beber, Marcelo mostra que não quer ficar trancado em um quarto. Marcelo fala dos ingleses do frigorífico e que vai subir no emprego. Fala do abate. Lucília critica o irmão por não parar nos empregos e diz que na necessidade, qualquer emprego serve. Helena diz que para o homem, é difícil enfrentar certas situações. Mostra-se preocupada com o trabalho de Marcelo, em meio às máquinas. E, também, pelo tipo de convivência. Joaquim diz a Marcelo que quer conversar com ele. Marcelo protela.</p> <p>O paralelismo entre a cena em que Helena e Lucília conversam sobre Marcelo e o pai chamando Marcelo. A conversa sobre as máquinas do frigorífico e a máquina de Lucília.</p>
6 ^a	2 ^o	<p>Passado/casa da fazenda</p>	<p>Conversa de Marcelo com o pai. Marcelo tenta protelar. Joaquim pergunta até quando o filho vai ficar na vadiagem. Marcelo diz que tem tentado trabalhar e passou o dia anterior na entrega do arroz nas roças. O pai indaga sobre o trabalho e o critica. Marcelo lamenta não saber fazer nada, pois nunca trabalhou – segundo ele, o pai nunca ensinou. Joaquim diz que se aprende observando, que o filho vive no mundo da lua, estudou</p>

		<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Conexões de tempo/espaço</p>	<p>em todos os colégios e não deu certo; se não quer estudar, vai trabalhar na fiscalização do café. Marcelo diz que vai à cidade e o pai manda trazer Lucília pois não gosta de vê-la estudando com uma costureirinha e convivendo com gente de toda a espécie. A filha não vai ser costureira. Marcelo fala de Olímpio, o namorado de Lucília. Joaquim pergunta a Helena quem é e filho de quem. Helena diz que é advogado, mas Joaquim retruca que o importante é saber de quem é filho. Joaquim diz que os doutorzinhos não sabem a idade de um cavalo. Joaquim insiste, Helena diz que ele é filho do coronel João José. Joaquim se enfurece, rememorando as suas desavenças políticas com o coronel, que era do PRP, o filho também devia ser. Reafirma sua autoridade na casa e na família, dizendo saber o que é bom para a filha. Marcelo adula a mãe, pede-lhe dinheiro.</p> <p>Joaquim esparrama jornais na sala. Ri.</p> <p>Não há conexão. O autor parece querer ressaltar a cena do passado.</p>
7 ^a	1 ^o	<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Passado/casa da</p>	<p>Joaquim diz que os políticos o enojam e os acusa de venderem ao “Ditador”, a quem elogia por acabar com o PRP. Lucília diz que os outros partidos também. Joaquim retruca que o partido dele nunca fez algo semelhante ao PRP. Lucília diz que para ela são todos iguais. Joaquim replica, acusando o PRP pela situação dos lavradores. Lucília diz que a situação não depende dos partidos e a crise era algo à parte. Joaquim se enfurece, acusa os carcomidos. Lucília pergunta se eles eram culpados também pelo rompimento do seu namoro. O pai se enfurece mais ainda e a acusa de não saber perdoar. Ela diz que por isso que é filha dele. Joaquim torna a acusar o pai de Olímpio. Marcelo entra em cena falando que a mãe pediu para não se discutir política. Lucília censura o irmão e é indulgente com o pai. Marcelo pede dinheiro à irmã, diz que não pode trabalhar. Lucília o lembra de que não estão na fazenda. Dá o dinheiro. Joaquim tem dó do filho. Lucília discute com o pai, ele justifica que ela trabalha em casa. Lucília também se manifesta preocupada com o fato do irmão andar em jardineiras sujas e com um povo sem educação. Mas ressalta que se deve encarar a situação de frente, que o trabalho de Marcelo o ensina a ter responsabilidade quando voltarem à fazenda. Marta, a costureira, chega, Joaquim diz a Lucília que ela não devia andar com esse “povo”. Joaquim fala para a filha não andar com um vestido velho, pois é preciso manter as aparências, senão “essa gatinha” vai ficar falando.</p> <p>Elvira chega à fazenda, muito bem vestida.</p>

		fazenda	
		Conexões de tempo/espaço	A questão das aparências: surge um certo contraste entre Lucília e Elvira.
8ª	2º	Passado/casa da fazenda	Elvira conversa com Helena e vai iniciar um assunto quando chega Lucília. Ela pára a conversa. Helena pergunta por Marcelo, a filha diz que ele ficou na cidade. Lucília exhibe o vestido e diz que foi ela que fez, saindo feliz da sala. Volta e diz que conheceu “o melhor moço do mundo”, que vai casar. A mãe responde que é preciso falar com o pai. Lucília diz que não vai ser fácil convencê-lo porque o moço não entende de cachorros e cavalos. Lucília sai e Elvira reenceta o diálogo com Helena. Fala de problemas graves, da situação ruim, de graves acontecimentos, de crise porque os preços do café caíram, o Governo abandonou os lavradores. Diz que falou com Augusto para não protestar a dívida que Joaquim fizera com ela. Helena se espanta, não sabe. Elvira acrescenta que Joaquim deve ao Banco e a muita gente. Helena se desespera, pensa nas perdas, na família e nas terras.
		Presente/casa na cidade	Joaquim junta os botões (continuidade da cena anterior). Lê jornais e exclama para Lucília: Moratória! Moratória!, os jornais estão dizendo que os lavradores terão dez anos para pagar as dívidas. Fala de fé e esperança. Manifesta alegria junto com Lucíola. Diz que a fazenda sempre fora deles.
		Conexões de tempo/espaço	A conexão aqui se dá pelo contraste entre a crise do café, no passado, e a possibilidade de uma saída no presente. A moratória.

Síntese: no 1º Ato, Jorge Andrade coloca todos os personagens do drama: Joaquim, Helena, Lucília, Marcelo, Elvira, e dois ausentes, mas referenciados – Augusto e Arlindo – que, não casualmente, serão as duas figuras que, de modos diferenciados, se relacionam com a ruína de Joaquim. Este parte da trama articula o tempo e o espaço com as seguintes marcas: 1ª cena: o processo de Joaquim no presente – Helena rezando na fazenda; 2ª cena: a religiosidade de Helena – a crise e a dívida; 3ª cena: Marcelo e seu trabalho, o trabalho de Lucília – o recado de Helena a Elvira; 4ª cena: A preguiça de Marcelo e o recado para Elvira, a indagação por Olímpio; 5ª cena: o casamento irrealizado de Lucila – a conversa do pai com Marcelo; 6ª cena: a conversa de Joaquim com Marcelo sobre o trabalho e a notícia do namoro de Lucília – Joaquim lendo jornais; 7ª cena: crítica à política, ao “Ditador” e ao PRP - Elvira chega à fazenda; 8ª cena: a crise relatada por Elvira – a moratória.

2º ATO

Cena	Plano	Tempo/Espaço	Enredo
1ª	1º	<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Conexões de tempo/espaço</p>	<p>Diálogo entre Joaquim e Lucília. Ele fala de sementes, da horta que vai fazer quando voltar à fazenda. Olha para o galho da jabuticabeira. Diz a Lucília que ela deve se casar. Está feliz [com a notícia da moratória]. Joaquim rega as sementes e a jabuticabeira.</p> <p>Helena aparece envelhecida e desanimada.</p> <p>Novamente, o contraponto de estados de ânimo dos personagens diante de situações temporais opostas, relatadas no 1º Ato.</p>
2ª	2º	<p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Presente/casa na cidade</p> <p>Conexões de tempo/espaço</p>	<p>Lucília e Helena rezam diante dos quadros.</p> <p>Há um cruzamento com o 1º plano, breve, em que Joaquim chama Marcelo, anunciando grandes novidades, e este reclama por ser chamado.</p> <p>A conexão de tempos é dada pelo contraste entre as duas situações temporais vindas da cena anterior. A reza parece querer pedir a Deus pelos devaneios de Joaquim.</p>
3ª	2º	<p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Presente/casa na cidade</p>	<p>Helena e Lucília terminam a oração. Helena diz a Lucília que Joaquim foi à cidade receber o dinheiro de Arlindo. Lucília teme pelo pai e cogita o que acontecerá se Arlindo não pagar. Depois de se queixar de que Joaquim não gosta que alguém interfira em seus negócios e por esta razão se chegou à situação em que encontra a família, Helena esclarece a Lucília que a fazenda vai à praça se Joaquim não receber o dinheiro, para pagamento de dívidas. Lucília expressa vergonha. A mãe diz que a maioria dos fazendeiros está na mesma situação. Complementa, falando da falta de chuvas, das geadas, portanto, a questão não era só de Joaquim. Lucília especula sobre uma saída. A mãe fala que o marido é cabeçudo. Diz que pediu a Elvira que arrume dinheiro para Joaquim ou arremate a fazenda. Lucília rege, dizendo que não quer ver a fazenda nas mãos dos tios, A mãe retruca dizendo ser melhor isto a cair nas mãos de gente estranha. Helena fala do orgulho, em tom recriminador; Helena fala em tom positivo. O diálogo é reiterativo sobre o assunto. Helena adverte Lucília que, sem a fazenda, Joaquim é inútil e, se Augusto arrematá-la, Joaquim pode trabalhar e morrer nela. Lembra que Marcelo não estudou e eles só sabem viver e trabalhar na terra. A conversa continua sobre o mesmo assunto.</p> <p>Joaquim chama Marcelo. Elvira entra. Fala de Marcelo com Joaquim, da despreocupação do sobrinho. E</p>

		Conexões de tempo/espaço	<p>indaga se Elvira não está mais costurando. Joaquim responde que não quer que ela costure. Elvira entrega queijos a Joaquim e diz que vai ao Asilo ajudar o próximo.</p> <p>A intersecção temporal se dá pelo acoplamento entre a referência à Elvira-Augusto, na cena do passado e a presença de Elvira na cena da cidade. E, também, breve seja, pela referência a Marcelo nos dois momentos.</p>
4 ^a	2 ^o	Passado/casa da fazenda	<p>Helena e Lucília continuam o diálogo da cena anterior. Lucília continua preocupada com o pai. Chega Olímpio. Helena lhe fala das dificuldades. Lucília se contrai. Olímpio pergunta por que não voltou à cidade com a resposta para ficarem noivos e Lucília invoca a situação da família para protelar. Mostra-se preocupada com o pai, com as atitudes dele. Olímpio diz que os fatos são irremediáveis e volta a falar de casamento e sugere que a família de Lucília poderia morar com eles depois de casados. Olímpio dá a notícia de que a fazenda de Joaquim vai à praça. Lucília reage contra Olímpio, diz que a situação mudou, o pai não iria morar com eles e não pode mais casar. Olímpio insiste, Lucília refuta, diz que não mais pertence ao mesmo meio dele. Olímpio aborda a questão da inimizade política entre o seu pai e Joaquim, criticando suas práticas coronelísticas. Fala de Marcelo. Lucília critica Marcelo, dizendo que só bebe depois da ameaça da perda da fazenda. Olímpio e Lucília volteiam em diálogos sobre o casamento, as negativas dela em casar, a insistência dele. Lucília se ampara em Olímpio.</p>
		Presente/casa na cidade	<p>Joaquim indaga a Marcelo porque saiu do frigorífico, acusando-o de preguiçoso. Diz que é o dia mais importante de sua vida, que Olímpio chegou e podem comemorar. Joaquim chama Marcelo de bêbado e vencido.</p>
		Conexões de tempo/espaço	<p>A seqüência de três cenas do passado aponta a ênfase do autor no passado, o peso deste último. Olímpio é o eixo dos dois tempos. Marcelo, em escala breve.</p>
5 ^a	1 ^o	Presente/casa na cidade	<p>Joaquim indaga porque Marcelo saiu do frigorífico. Marcelo responde que não agüentava mais. O pai o critica. Marcelo tece uma severa crítica ao pai por acreditar, ainda, na força do nome de família, retrucando que isto não vale mais nada. Diz que não se adapta à nova ordem das coisas, acusa o pai de ter ensinado o caminho errado, que é preciso aceitar ou não o presente e que ficava oprimido no trabalho pela consciência do que haviam sido. O pai reage, diz que a moratória vai lhe devolver o que lhe pertence, a fazenda vai ser devolvida, o processo está nulo. Acusa Joaquim de não ser responsável. Joaquim se exime de culpa, mas Marcelo volta a acusá-lo pela ruína, dizendo</p>

		<p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Conexões de tempo/espço</p>	<p>que se preocupou mais com a fazenda, o processo, o nome, com ele próprio, sem se preocupar com os sentimentos dele – Marcelo. Prossegue, apontando que o mundo deles estava destruído, o mundo era outro, enquanto eles não mudavam e morreriam. Volta a ordenar que Marcelo saia de casa. Helena interfere, tentando apaziguar. Retruca a Joaquim indagando o que haviam feito pelos filhos e se ele nunca havia errado. Marcelo diz ao pai que ele não está vendo que ele – Marcelo – sabe. Joaquim reitera que irá morrer na sua fazenda. Helena e Marcelo continuam o diálogo, a mãe mostrando ao filho o esforço do pai e que era preciso conformar-se com a situação. Marcelo se angustia, titubeia e acaba contando a Helena que o pai perdeu o processo, mas ele não tivera coragem de dar a notícia. Helena se preocupa com Joaquim.</p> <p>Joaquim grita para alguém se retirar da sua casa. Aparecem Lucília e Olímpio.</p> <p>Este é um dos mais fortes trechos da peça pelo grau de dramaticidade. As atitudes de Joaquim, expulsando Marcelo e mais alguém de sua casa, unem os dois tempos.</p>
6 ^a	2 ^o	<p>Passado/casa da fazenda</p>	<p>Olímpio diz que quer casar com Lucília. Joaquim retruca que a fazenda está à praça, mas não sua filha. Olímpio alude à desavença de Joaquim com o seu pai e Joaquim manda que ele se retire. Diz que sabe dirigir a casa e defender o nome da família. Olímpio diz que não tem a ver com as atitudes do pai. Joaquim critica a política dos adversários e os responsabiliza pela crise. Diz que não concorda com o noivado. Lucila tenta reagir contrariamente. Joaquim verbaliza que não serve para nada. Lucília nota que o pai está ferido e indaga se fora Arlindo. Joaquim responde que Arlindo fugira. Lucília adivinha que foi o seu tio Augusto e diz que prefere perder tudo a ficar devendo aos tios. Joaquim informa a Lucília que o tio perdoaria apenas a dívida dele com Elvira e que haviam brigado. Lucília sente vergonha, Joaquim, humilhação. Joaquim faz um forte discurso: não entregaria a fazenda, pois ela lhe pertencia, os direitos não dependiam de dívidas, não entregaria a propriedade sem luta e se defenderia à bala. Lucília concorda com o pai, promete lutar e indaga a Olímpio se há saída. Olímpio, depois de, em um primeiro momento, tentar demover Joaquim, promete estudar o caso, criticando o Governo pela situação. Tenta convencer de que se deve aceitar a realidade, mas Lucília diz que o seu sentimento de família e de felicidade está vinculado às terras. Helena e Marcelo conversam, ela diz ao filho que a fazenda foi à praça. E deverão sair da fazenda. Marcelo diz que ninguém pode obrigá-los. Depois, muda de assunto,</p>

		<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Conexões de tempo/espço</p>	<p>admite ser um sonhador, que sabia de tudo, mas tinha medo. Helena pede a Deus que Joaquim não perca a esperança. Marcelo diz que o pai não merecia aquela situação e promete arrumar emprego.</p> <p>Olímpio chama Lucília e ela diz que era melhor não ter mais esperança.</p> <p>Cena longa, também repleta de forte carga emocional. A ênfase da cena é claramente no passado, para demarcar o conflito de Joaquim com Augusto e, sobretudo, todo o seu drama pelo fato da fazenda ir à praça. Ao final da cena, o jogo entre manter a esperança-não ter esperança articula o passado e o presente.</p>
7 ^a	1 ^o	<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Conexões de tempo/espço</p>	<p>Lucília diz que se sente sem sentido. Olímpio indaga se ela quer que ele fale com Joaquim sobre a decisão do Tribunal. Lucília assente. Lucília pede para Olímpio ler a sentença. Ele lê a sentença, indeferindo o pedido de nulidade do processo.</p> <p>Lucília tira o vaso de flores e a toalha, Helena se prostra diante dos quadros, rezando. Esconde o rosto nas mãos. Lucília abre a máquina de costura.</p> <p>A cena é brevíssima, para reiterar a segunda perda de Joaquim – o processo.</p>

Síntese: o 2^o Ato, tempo e espço são marcados por alguns acontecimentos preponderantes: 1^a cena: a alegria de Joaquim, esperançoso – o desânimo de Helena, desesperançada; 2^a cena: continua a situação da cena anterior; 3^a cena: a crise e a situação de Joaquim se perder a fazenda – a situação de Joaquim diante da irmã; 4^a cena: notícia da perda da fazenda e a relação com o casamento de Lucília – a expectativa da comemoração e o conflito com Marcelo; 5^a cena: o duro conflito entre Joaquim e Marcelo, com a ordem para sair de casa – simultaneamente, a ordem para Olímpio sair da casa de Joaquim; 6^a cena: a fuga de Arlindo, a briga com Augusto e a esperança de Joaquim – a desesperança de Lucília; 7^a cena: a sentença do Tribunal indeferindo o pedido de nulidade – o começo do trabalho de Lucília como costureira.

3^o ATO

Cena	Plano	Tempo/Espço	Enredo
1 ^a	1 ^o	Passado/casa da fazenda	Helena pergunta a Joaquim porque ele está no escuro. Fala dos estragos na casa da fazenda e da necessidade de concertos. Helena fala dos cachorros e dos galos. Os dois dão detalhes.

		<p>Presente/casa na cidade</p> <p>Conexões de tempo/espaço</p>	<p>Joaquim fala do cafezal e da perspectiva de colheita. Joaquim relembra a Helena o que ela mesma recomendara, de saírem da fazenda como se fosse para uma viagem. Relembra os primeiros tempos de casado. Helena fala que desde pequena sabia que casaria com ele, que nunca perguntaram se ela queria. Joaquim é saudosista. Relembra o seu casamento, as pessoas importantes que haviam comparecido. Helena relembra como se preocupava em ser uma boa dona de casa. Joaquim diz que tudo vai acabar bem. Responde a Helena que não sabe quem arrematou a fazenda. Helena se preocupa se leva os móveis, Joaquim, com as sua jabuticabeiras. Ele fala do dia em que fora procurar Arlindo, e do abandono que sentira pelos parentes e pelos amigos. Desdenha as pessoas da cidade. Helena retruca que eles haviam se afastado de todos e que os tempos eram outros, enquanto eles não haviam evoluído. Fala de formigas, como são daninhas.</p> <p>Elvira pergunta a Lucília por Helena. Pergunta pelas novidades e se é verdade que a sobrinha não vai costurar mais.</p> <p>Esta cena é preparatória da saída da fazenda e, no tempo presente, a possibilidade de volta à fazenda, implícita na perspectiva de Lucília deixar de costurar. É possível pensar em uma associação entre as formigas daninhas e Elvira.</p>
2 ^a	1 ^o	<p>Presente/casa na cidade</p>	<p>Elvira experimenta o vestido. Nota Lucília nervosa e faz perguntas. Lucília responde asperamente e diz que a tia não tem aborrecimentos. Elvira retruca, fala do asilo, se enaltece, reclama da necessidade de cooperação e das despesas. Fala de Augusto, dizendo que ele a acha mão-aberta. Lucília fala para a tia não trazer mais nada para a casa. A tia retruca. Lucília conta que o pai perdeu o processo. Elvira se penaliza com o irmão, mas depois o culpabiliza pelos erros. Diz que ele ficara com a melhor parte da fazenda quando ela também tinha direito. Fala das dívidas de Joaquim pela falta de tino para os negócios. Lucília se refere à agressão do pai ao tio. A tia retruca que é perdoável, mas Lucília treplica, dizendo que eles (os tios) não perdoaram e queriam vê-los na ruína. O diálogo entre as duas se torna áspero. Lucília acusa a tia de não ter</p>

		<p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Conexões de tempo/espaço</p>	<p>amor às terras. Continua, dizendo que os tios podiam ter arrematado a fazenda e não deixá-la cair nas mãos de gente estranha, que isto fora vingança. Desdenha a ajuda da tia e diz que pode sustentar a família com o seu trabalho. Fala do sofrimento dos pais ao deixarem a fazenda. Elvira acusa Lucília e Marcelo de, também, não terem sabido perdoar o pai pela pobreza. Lucília novamente desdenha a tia.</p> <p>Helena olha pelos cantos da fazenda. Joaquim aparece com um galho de jabuticabeira.</p> <p>O encontro temporal se dá pelo abandono de dois mundos: no passado, a saída da fazenda está prestes. No presente, ainda que brevemente, Lucília manifesta o afastamento da família, mas, simultaneamente, a manutenção simbólica do seu universo de vida contra um mundo novo, representado pelo dinheiro da tia.</p>
3 ^a	2 ^o	<p>Passado/casa da fazenda</p> <p>Presente/casa na cidade</p> <p>Conexões de tempo/espaço</p>	<p>A cena mostra os preparativos para a saída da fazenda: a retirada dos quadros e do relógio, as recomendações aos empregados para manterem a casa limpa, a verificação das janelas fechadas, as preocupações com os vasos e o jardim. Joaquim mostra como a parede ficou marcada pela retirada dos objetos. Helena fala que ninguém poderá tirar deles as recordações. Helena se segura a um quadro, Joaquim segura o relógio, Marcelo ao outro quadro. Joaquim indaga a Marcelo pelo emprego. O filho responde que vai começar na semana seguinte e que Helena arrumou uma máquina de costura. Joaquim diz a Marcelo que o trabalho dele será por pouco tempo, se irrita com a história da costura e diz que vai recuperar o que é deles. Joaquim abraça o relógio. Helena já saiu, os dois se retiram. Joaquim volta e carrega o pé de jabuticabeira.</p> <p>Helena ansiosa. Helena indaga à mãe se ela já sabe. Helena confirma. Lucília pergunta se o pai já sabe, a mãe responde que ele saiu para encontrar a filha e Olímpio.</p> <p>Enquanto a retirada da fazenda se consuma, consuma o passado, a cena cria o clímax para consumir outro acontecimento: a perda do processo. O paralelismo não é tão exato, mas vai</p>

			urdindo a junção das duas pontas da temporalidade,
4 ^a	1 ^o	Presente/casa na cidade	Helena diz que procurou Joaquim e teme por ele. Lucília recomenda calma. Helena se desespera. A filha pede calma. A mãe diz preferir a mentira para Joaquim não perder a esperança. Lucília indaga pelos lugares a que o pai possa ter ido. Helena reza. Joaquim entra e a olha, angustiado. Lucília e Helena se preocupam com o pai. Olímpio e Marcelo entram. Joaquim fica mudo. Lucília se desespera, pede para ele protestar. Dirige-se a Olímpio cobrando que deve haver um meio, que ele deve mentir para o seu pai. Soluça. Joaquim diz para a filha que ele não sofre mais e ela não precisa ter medo. Lucília se ampara em Olímpio. Helena ampara Joaquim. Marcelo sente-se só. Joaquim pergunta pelas jabuticabeiras. Helena responde que não faltará chuva. Joaquim comenta sobre o café. Marcelo fala das cigarras. Helena fala do feijão. E finaliza, dizendo que quem plantou, começará a colher.
		Passado/casa da fazenda	Não há segundo plano nesta cena. O passado é evocado no presente, no final.
		Conexões de tempo/espço	A cena, de certo modo, fica inacabada, deixando a dúvida se Joaquim sabe do processo. O difícil presente se ameniza com as lembranças do passado. Mas a frase final de Helena parece encerrar uma metáfora da perda.

Síntese: no 3^o Ato, as marcações entre passado e presente deram relevo a: 1^a cena: a consumação da perda da fazenda e as evocações do lugar – a possibilidade de Lucília parar de trabalhar; 2^a cena: a perda do processo por Joaquim e o conflito com Elvira – Joaquim com o galho da jabuticabeira; 3^a cena: preparativos para a saída da fazenda – a expectativa de dar a notícia sobre o processo a Joaquim; 4^a cena: o desfecho da narrativa, deixando a dúvida se Joaquim sabe – a evocação da fazenda.

As intercalações temporais são muitas, distribuem ao longo de toda a peça, e só vão ser compreendidas por uma leitura cruzada. Além disso, consideramos que a análise dos personagens bem como cada temática abordada poderá valer-se dessa organização metodológica dos referenciais tempo-espço em movimento.

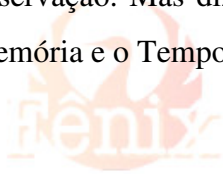
Considerações Finais

As múltiplas interpretações sobre a obra de Jorge Andrade apontam que o autor fez da Memória a sua missão, a sua trincheira. Ele mesmo o aponta:

E então... e via, então aquele coro que começou: “era assim”, “foi assim”, “tínhamos isto”, “vivíamos assim”, “tínhamos essa importância”... E comecei a observar tudo, para trinta anos depois dar no teatro que eu fiz e, sobretudo, n’*“A Moratória”*.⁷

A genialidade do dramaturgo foi rastrear essa Memória no seu movimento, nas suas idas e vindas, nas suas reiteraões, nas suas imbricaões. Também rastreá-la como cruzamento dos planos contextual e individual, objetivada e subjetivada, materializada e simbolizada, quando entrecruza a narrativa sobre uma família e a sociedade circundante. Ao fazê-lo, construiu dramaturgicamente a História, a História de uma parte da História do Brasil. Uma História a que deu sangue, carne e sentimentos.

N’*A Moratória*, a obsessão do tempo se inocula em cada linha, em cada personagem, no cenário. Afinal, como o próprio Jorge Andrade diz, foram trinta anos de observação. Mas dizer isto é muito modesto da parte dele: foram trinta nos em que a Memória e o Tempo plasmaram sua carne, seus ossos, seus sentimentos.



www.revistafenix.pro.br

⁷ ANDRADE, Jorge: entrevista [22 out. 1976].